

02/197
PARA UMA TEORIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

John Keith Wood
Pontifícia Universidade Católica
de Campinas, Brasil

Em primeiro lugar, há a unidade das coisas onde cada coisa é uma consigo mesma, consiste de si e é coerente consigo mesma. Em segundo lugar, há a unidade na qual uma criatura está unida a outros, e todas as partes do mundo constituem um mundo.

Pico Della Mirandella

O que é a abordagem centrada na pessoa? Tem sido referida por seus seguidores como "a principal escola de pensamento da psicoterapia Americana", "um importante conceito", uma "estrutura", "um modelo para o treinamento das relações humanas", "uma família de estudiosos e praticantes", "uma fonte de status e influência", surpreendentemente, uma "tradição", e como se esperava, uma "resposta terapêutica".

A abordagem centrada na pessoa também é referida como sendo um método de terapia não diretiva, de refletir os sentimentos do cliente, ou mais recentemente, de "dar poderes à pessoa". Para alguns é um meio de comunicação: "Eu vejo esperança na abordagem centrada na pessoa e na sua capacidade em ajudar-nos a falarmos uns com os outros", como ouvimos ser dito.

É também uma filosofia e um conjunto de valores que inclui um "real respeito pela dignidade, autonomia e capacidade de mudança da pessoa" e uma "crença de que as pessoas se movem em direção à auto-atualização", caso "uma atmosfera de estímulo ao crescimento" seja propiciada. Rogers (1986) descreve o que considera a nature-

uma atitude

za contraditória de seus valores. "Ela (a abordagem centrada na pessoa) enfatiza valores partilhados, ao mesmo ^{tempo} que estimula o ser único. Está enraizada em um profundo respeito pela capacidade construtiva e inerente ao organismo humano. Simultaneamente, ela estimula aqueles que incorporam esses valores a fim de desenvolverem sua maneira própria de ser, única e especial, suas maneiras próprias de executarem essa filosofia partilhada." (p. 3-4)

Às vezes refere-se a ela como sendo um conjunto de atitudes: além das já conhecidas atitudes facilitadoras, "O que é essencial para qualquer percepção centrada na pessoa é um sentimento de admiração, esperança e humildade quando nos vemos diante do mistério das pessoas." (Land, 1987)

Frequentemente, ela é vista como dissidentes da mesma opinião que caminham em direção a "questões sobre o poder social, influência e continuidade no movimento centrado na pessoa." Se não um movimento social, uma utópica maneira de ser recheada de "empatia, verdade, amor incondicional, abertura," a qual fornece "apoio mútuo." Seguidores não escondem seu entusiasmo por um mundo ideal no qual cada um facilitaria o bem estar emocional do outro. Isto poderia ser alcançado, crêem eles (como todos missionários), se todos se devotedassem mais a serem centrados na pessoa. Não é somente na pequena e seleta cultura da Califórnia ou da Nova Inglaterra que tal atitude vem à tona: Estamos vivendo uma experiência nova e de grande mobilidade," diz um anúncio para um encontro centrado na pessoa, na América Latina.

Na prática, é um tema capaz, com frequência, de ser amalgamado à outras filosofias ou técnicas; quanto mais inusitado o tema, melhor. Um professor universitário, por exemplo, propõe "uma variação sobre o tema da abordagem centrada

na pessoa" e o Tai Chi Chuan. Recentemente tomei conhecimento de excelentes propostas de se casarem a abordagem centrada na pessoa com a técnica do Taoísmo da "órbita microcósmica" e, talvez mais surpreendente, no entanto não menos séria, a abordagem centrada na pessoa e a filosofia do ouvido humano interno.

1
Cada vez com maior frequência, ela é uma série de realizações. Rogers (1986) escreve, "Princípios (da terapia centrada no cliente e na pessoa) tem se infiltrado na educação, onde suas implicações revolucionárias geram controvérsias. Eles tem influenciado casamentos e sociedades. Eles tem afetado as relações familiares. Eles tem alcançado indústrias e escolas de administração. ... A educação e prática médicas têm sentido mudanças. Até a profissão legal não se encontra intocada. O aconselhamento pastoral tem sofrido mudanças profundas. Trabalhadores em desenvolvimento comunitário operam diferentemente. Pessoas em várias ocupações e em todos os caminhos da vida se encontram portadoras de um poder, têm descoberto um significado mais profundo de si (self), têm aprendido intimidade." (p. 4)

Para os terapeutas centrados no cliente treinados por Rogers na Universidade de Chicago, a abordagem centrada na pessoa é um método de psicoterapia de um para um apoiado por uma teoria precisa e um corpo de pesquisa admirável. Para os acadêmicos ela é proclamada como o fundamento para os programas de treinamento de aconselhamento, embora eles discordam se o seu valor está na realização da união das técnicas comportamentais ou na purificação de uma atitude especial. (Bo-

zarth & Temaner, 1984). Institutos independentes na Europa concentram-se no "desenvolvimento facilitador" a fim de facilitar o acesso às pessoas na profissão de psicoterapia ou em "comunicações de trocas culturais", enquanto que nos Estados Unidos eles simplesmente "dão poder às pessoas."

Naturalmente que, com tamanha diversidade e complexidade, existem as habituais acusações do comportamento que "não é centrado na pessoa" e que proclamam por aquilo que seja "verdadeiramente centrado na pessoa." Atualmente existe uma Associação para o Desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa, a qual indubitavelmente chegará a termos com esses problemas, protegendo o bom nome de seu benfeitor.

Quando novatos se perdem com toda essa confusão, alguns veteranos encolhem seus ombros e sorriem, "Essa é a velha AET, etimologicamente, não?" Na realidade os veteranos não estão tão tranquilos quanto aparentam. Eles se encontram, na verdade, divididos. Alguns concentram-se sob a bandeira da abordagem centrada na pessoa e rejeitam a terapia centrada no cliente como sendo indolente, ineficaz ou simplesmente irrelevante. Um professor Britânico, que segue a abordagem centrada na pessoa, por exemplo, imperiosamente rejeita a terapia centrada no cliente com "Eu sou... nada se não eclético, e creio que aqueles que acham terem encontrado a melhor das terapias um tanto ~~ao~~ quanto equivocados." Existe também o adepto que ostenta a "abordagem centrada na pessoa (não a terapia centrada no cliente)" como sendo "uma das duas formas linguísticas que mais se aproxima da minha compreensão." (A outra "forma linguística", para aqueles que estão interessados, é o Budismo.)

Ao contrário, fundamentalistas estão se voltando "com convicção" para a terapia centrada no cliente onde presumivelmente sabemos quem somos e o que estamos fazendo. A abordagem centrada na pessoa não passa de mais uma heresia que está destruindo a família, as escolas e a fibra moral da América, segundo eles.

Outros, que gostam de usar os termos "terapia centrada no cliente ou a abordagem centrada na pessoa", não vêem problemas somente diferentes rótulos para o mesmo produto: utiliza-se o que melhor lhes parecer. Os mais informados respeitam as semelhanças e as diferenças tal qual elas agora se encontram. Eles escrevem, "terapia centrada no cliente e a abordagem centrada na pessoa." Os sobreviventes políticos lançam sua estética ao vento e convocam seus impressores a produzirem, "abordagem centrada no cliente/centrada na pessoa." Essa descrição possui a vantagem de incluir aqueles que pensam ser os dois conceitos iguais, aqueles que pensam que são diferentes e aqueles que pouco se importam. A abordagem centrada na pessoa? "Está aqui, está acolá, se foi. Ah, pobre fantasma."

É POSSÍVEL DIMINUIR ESTA CONFUSÃO?

Antes que se conclua que nós meramente agonizamos como no velho ditado em que uma ideologia inicia-se como uma idéia, transforma-se em um ideal, penetra o idioma comum, cai em idolatria, e finalmente termina como uma idiotice, uma tentativa de esclarecimento e maior compreensão poderia ser útil.

Independente do que possa parecer, a propósito, sou simpático àqueles de nós que tentam expressar o que talvez seja uma complexidade inexprimível. Nossas declarações inexatas, descrições de atividades, esforços inovadores, são sérios, construti

vos (em sua maioria), com certeza criativos, e sugerem a riqueza e a diversidade de esforços na melhoria da vida humana. Há que se admitir, contudo, que sem a compreensão de princípios unificantes nessas abordagens (ou pelo menos do contexto que é implicitamente compreendido pelos de "dentro"), aglutinar esses fragmentos de perspectiva de fato parece estranho.

realização

O que será sugerido nesta dissertação é um ponto de vista a partir do qual poderá se compreender uma variada coleção de atividades: o facilitamento da saúde psicológica e crescimento pessoal de indivíduos em psicoterapia de um para um (terapia centrada no cliente), pequenos grupos terapêuticos e grandes grupos de "workshops" tanto quanto facilitar a aprendizagem, comunicações de trocas culturais, resoluções conflituosas em pequenos e grandes grupos e as várias outras aplicações que têm sido atribuídas à "abordagem centrada na pessoa."

Cada uma dessas atividades consiste de um psicoterapeuta ou um facilitador da aprendizagem ou facilitador de pequenos grupos ou organizador de "workshop" e pelo menos uma outra pessoa (cliente, aprendiz, membro de um grupo, participante de "workshop") em um relacionamento interpessoal em uma cultura e em uma situação física. Esses fatores, sem dúvida, produzem o resultado. O ponto de vista sugerido é simplesmente considerar o fenômeno da aprendizagem efetiva (terapia, o que seja) sob essas condições como um todo. Agindo deste modo não se diminui o valor dos indivíduos envolvidos. O valor da experiência subjetiva de todos os participantes - terapeutas e clientes, facilitadores de grupos e membros de grupos, organizadores de grandes grupos e participantes - é preservado juntamente com sua realidade coletiva e mais. (1)

Uma discussão, caso não conduza diretamente à uma teoria, possui a vantagem de apresentar questões que podem ser usadas na avaliação de qualquer teoria da abordagem centrada na pessoa.

PORQUÊ NÃO UMA TEORIA DA TERAPIA CENTRADA NO CLIENTE?

Não poderá a teoria da terapia centrada no cliente simplesmente ser aplicada a essas várias atividades? Embora a terapia centrada no cliente possua uma teoria bem pensada, apoio substancial de pesquisas para suas hipóteses, e um método operante (quando aplicado à psicoterapia de um para um), problemas tremendos surgem quando se tenta adotá-la como uma teoria da abordagem centrada na pessoa.

*Além
16/11*

Em primeiro lugar, possui problemas próprios: a validade da teoria nunca foi estabelecida. (Watson, 1984) A dificuldade apresentada por este fato é maior do que meramente satisfazer aos especialistas em pesquisas excessivamente críticos. O peso da evidência acumulada em seu favor não tem sido capaz de tornar a terapia centrada no cliente convincente o suficiente para que a maioria dos psicoterapeutas a adote na prática. (Norcross & Wogan, 1983) Albert Ellis (1987) resume a opinião popular quando declara que é contra à "designação do relacionamento psicoterapêutico como um requisito necessário e suficiente (ao invés de desejável) para uma mudança básica na personalidade", de Rogers. Mesmo entre seus fundadores, a terapia centrada no cliente não passa de um ponto de partida do qual iniciam-se suas "intervenções efetivas." Eugene Gendlin, por exemplo, declara sobre sua abordagem, "Responderei centradamente no cliente por um tempo e se eu ver que o cliente está preparado para contar-me uma história inteira... então interrompe

rei e direi - fiquemos simplesmente quietos e iniciemos um tipo de exploração interna." Gendlin denomina esta técnica de "exploração interna" de concentrada e crê que ela auxilia aos clientes "perceberem aquilo que ainda não está claro." (Monteiro dos Santos, 1985)

Mesmo sendo uma forma pura na moda, a terapia centrada no cliente simplesmente não funciona para várias aplicações além da psicoterapia de um para um. Consideremos a diferença na congruência e compreensão empática entre a terapia centrada no cliente e um pequeno grupo de encontro, por exemplo. Na psicoterapia de um para um, a compreensão empática da disposição interna de referência do cliente pode ser realizada através da interação entre terapeuta e cliente: o terapeuta refletindo o sentimento que o outro está expressando para ele - tentando encontrar palavras que encaixem exatamente na realidade interna do cliente naquele momento. Usemos o exemplo preferido de Rogers:

Terapeuta: "Você sente-se realmente zangado com ele."

Cliente: "Não, não exatamente zangado."

Terapeuta: "Rancoroso?"

Cliente: "Não. Bem, talvez um pouco."

Terapeuta: "Talvez desapontado?"

Cliente: "Sim, é isso! Estou muito desapontado com ele."

Não somente um comvente "insight", mas uma mudança significativa em resultados comportamentais. Este tipo de interação, obviamente, é também alcançada em terapia de grupo. Contudo, é pouco provável que ocorrerá tão diretamente e certamente não pode ser praticada como um método. Membros de um grupo geralmente não tolerarão respostas previsíveis do facilitador,

congruência
compreensão empática

nem tampouco de outros membros do grupo. (Mesmo em entrevistas de um para um até um comportamento formalizado tipo "tentando compreender" pode ser suspeito. Vide Rogers, 1986b.) Rapidamente, participantes insistirão, "E você, doutor? Você só é capaz de repetir o que dizemos? O que pensa você? O que sente você? Quem é você?"

A compreensão empática do facilitador, pode-se dizer, é direcionada internamente, "O que sinto neste momento?" O grupo pede que ele seja ele mesmo e se conheça e expresse este conhecimento - como qualquer outro membro do grupo. Ele é desafiado a ser mais congruente. E isto deve ser real. Congruência ou autenticidade não pode ser fabricada através da "partilha" de alguma vinheta comovente de nossa vida, "motivando" assim o grupo através da "modelagem" para a "auto-descoberta" do outro. *congruência*

A partilha prematura de material pessoal pelo facilitador pode ser até destrutiva, ao passo que partilhando o que é real em um momento de harmonia com outras experiências pode ser construtivo. (Dies, 1973) Mesmo como a congruência é expressa no relacionamento com outros no grupo pode gerar consequências totalmente diferentes na terapia de um para um. Truax, Carkhuff e Kodman (1965) encontraram um relacionamento negativo na terapia de grupo entre o nível de autenticidade do terapeuta e mudança no paciente. Juntamente com outros estudos (Truax, 1966; Truax, et al, 1965) emerge a hipótese de que a autenticidade do facilitador no contexto do grupo como um todo poderá ter um maior impacto no resultado para um dado participante do que o nível de autenticidade do facilitador direcionada para o indivíduo.

Uma vez que cada membro é aceito pelo grupo, ele pode expressar-se como lhe agrada - provocando compreensão empática

ca ou não. A compreensão empática não se encontra exclusivamente sob o domínio do facilitador. Pelo contrário, pesquisas em terapia de grupo na Alemanha Ocidental, por exemplo, sugerem que a compreensão empática gerada entre membros do grupo é muito mais significativa. De fato, a capacidade própria do membro do grupo para uma compreensão empática pode ser um melhor diagnosticador de sucesso na psicoterapia do que a do facilitador. (Mente & Spittler, 1980) Nos Estados Unidos, Lieberman, Yalom e Miles (1973), após seu importante estudo sobre grupos de encontro, também concluem, "A mudança não gira em torno do solitário sol do líder; há forte evidência de que as relações psicológicas no grupo operam um papel extremamente importante no processo de mudança." Yalom (1985) reforça esta noção com achados de entrevistas de pacientes que haviam realizado com sucesso terapia com ele. Quando questionados sobre o "ponto de mutação" em suas terapias, eles invariavelmente narram um "incidente que é altamente carregado emocionalmente envolvendo um outro membro do grupo, raramente o terapeuta." (p. 27)

Portanto, a compreensão empática não parece ser algo a ser "oferecido" pelo terapeuta ao cliente, como foi por Rogers (1980, p. 147) estimulado. (2) Mesmo na situação de um para um, alguns clientes deduzem maior compreensão empática do relacionamento terapêutico que outros - com o mesmo terapeuta. (Moos & MacIntosh, 1970)

Em pequenos grupos de encontro e grupos de terapia onde é provável a presença de participantes de várias culturas, mesmo a ênfase na importância dos sentimentos da pessoa (central para o método de terapia centrada no cliente) não pode ser confiada que leve à compreensão empática. Para um cidadão nascido

compreensão empática

nos Estados Unidos, ignorando seus interesses ideológicos e concentrando em como ele se sente pode conduzir à uma expressão de compreensão empática. Para um Africano, por outro lado, tal ênfase pode muito bem implicar em exatamente o contrário: uma nítida manifestação de uma completa falta de compreensão, respeito e sensibilidade de sua realidade. (Doob, 1970; Doob, Foltz & Stevens, 1970) A tarefa do facilitador em um grupo centrado na pessoa não é a de "oferecer" empatia, nem mesmo a de expressar compreensão empática, mas a de facilitar o fenômeno da compreensão empática. Como a compreensão empática se manifesta em um grupo pode ser muito inesperada e pouco comum. Bozarth (1984), por exemplo, discute vários casos de "empatia idiossincrática" onde diversas expressões, ordinariamente não consideradas empáticas, podem de fato conduzir à uma compreensão empática dependendo das circunstâncias.

discute tarefa

Do facilitador do grupo centrado na pessoa é pedido que o mesmo amplie suas percepções: não somente ele percebe o que o outro está sentindo, o que ele mesmo está sentindo, mas também o que nós estamos sentindo. O que está se passando no grupo exatamente agora? Quem está dizendo o quê para quem? Qual o significado disto para o indivíduo? para o grupo? O que não está sendo dito? O próprio grupo torna-se, deste modo, um agente terapêutico e o ambiente entra mais e mais na jogada como um influente fator na cura e aprendizagem.

Pela tentativa de facilitar a mudança construtiva - no indivíduo e no grupo - sacrifica-se um pelo outro? O individual pelo bem do grupo? Ordem social pela liberdade individual? Não é necessário que assim seja. O facilitador ou um sensível participante do grupo, creio, busca mais verdade. Se o indiví-

duo pode oferecê-la, ele permanece ao seu lado. Se o grupo a contém, ele o segue. Portanto, em um dado momento ele pode aparentar estar apoiando o indivíduo e, no próximo, estar ignorando-o. (Não se esqueça de que prestar atenção à um indivíduo é ignorar o outro.) Assim sendo, no grupo, algo mais que respeito pelo indivíduo ou mera devoção ao grupo está guiando as respostas. O que é este algo mais? Creio estar relacionado com a aprendizagem: combinando partes em todos significativos que representam maior complexidade e maior eficácia. A integração de diferentes desejos em uma ação coordenada que beneficie ao indivíduo e seu coletivo. Mas, mesmo quando a terapia centrada no cliente é vista como um grupo de duas pessoas e a compreensão empática, congruência, aceitação são formuladas em termos do fenômeno de terapia efetiva, outras dificuldades devem ser enfrentadas.

A terapia centrada no cliente, em pensamento e ação, é fascinada com a pessoa. Ao passo que, a abordagem centrada na pessoa não está exclusivamente interessada em uma pessoa mas em várias. Uma ênfase no "self" individual como sendo a realidade exclusiva não nos fornece um ponto de vista para compreender atividades que, pela sua natureza, envolvem também outras realidades.

Na discussão da inevitável controvérsia que envolve o individualismo, vamos rejeitar como uma perda de tempo as formulações caprichosas do egoísmo custo/benefício, buscando o número um, e as outras implicações da "geração eu". Essas nunca fizeram parte das noções de "auto-atualização" da terapia centrada no cliente - embora elas poderiam muito bem ser como ela tem sido compreendida. Vamos falar a respeito da mais alta or-

dem de centramento no indivíduo. (3) Ralph Waldo Emerson esta-
beleceu o ideal Americano: "Acreditar no seu próprio pensamen-
to, acreditar que aquilo que é verdadeiro para você no íntimo
do seu coração é verdadeiro para todos os homens - isso é geni-
al. ... Um homem deve aprender a detectar e observar aquele
raio de luz que lampeja através de sua mente vindo de dentro ,
mais do que o esplendor do firmamento dos sábios e poetas." Is-
so, creio, é também o desejo da terapia centrada no cliente pa-
ra o "self" de seus clientes.

Rogers também colocou desta maneira, "a única questão é,
'Estou vivendo de uma maneira que é profundamente satisfatória
para mim, e que verdadeiramente me expressa?'" (1961, p. 119)

Isto foi, inicialmente, sem dúvida não intencionado con-
tra a sociedade tanto quanto foi intencionado a ser para a pes-
soa individual. O contexto moral no qual podíamos atualizar o
"self" era estável. (Não como agora experienciamos). Emerson
havia advertido: "Confia em si mesmo: todo coração vibra para
esta corda de ferro." Mas ele também adicionou, "Aceita o lu-
gar que a divina providência achou para você, a sociedade de
seus contemporâneos, a conexão dos eventos." No entanto, tal-
vez por motivos práticos, a terapia centrada no cliente tornou
o "self" individual a realidade importante; a sociedade, por
sua vez, transformou-o em réu, e o pensamento psicológico a
própria cultura mudou. O "self" individual não somente trans-
formou-se na realidade única, a sociedade tornou-se o réu mais
implicado nos problemas do indivíduo.

Rogers, por exemplo, frequentemente culpava a sociedade
pelas dificuldades psicológicas e problemas de comportamento
do indivíduo. "São as influências culturais", afirmava, " que
são o principal fator do comportamento maligno. ... Então eu

vejo membros da espécie humana ... essencialmente construtivos em sua natureza fundamental, mas prejudicados por sua experiência." (1981)

Mas, como Rollo May (1982) responde, "quem faz essa cultura exceto as mesmas pessoas como você e eu? ... Não há self exceto na interação com a cultura, e nenhuma cultura que não seja composta de ^{selfs} "selfs", que o leva a concluir, "Proponho que o mal em nossa cultura é também a reflexão do mal em nós mesmos e vice-versa."

Rogers, me parece, está correto, mas somente do ponto de vista do indivíduo; May, do ponto de vista da civilização. A opinião de uma pessoa sobre o tempo, sobre o comportamento certo e errado, sobre o propósito da vida, sobre autoridade, sobre empatia, sobre o valor da família, suas esperanças, sua fonte de orgulho e interesse, seus temores, sua relação com os outros, como ela lida com a incerteza e outros valores e crenças que são compatíveis com os membros de seu grupo foram aprendidos de uma cultura que foi formada, não necessariamente por ele próprio (self), mas por outros (selfs) antes dele. Rogers compreende que nós devemos nos separar do passado, da conformidade com os pais e a sociedade, a fim de descobrir o que ele realmente quer fazer com sua vida. O que May lembra a ele é a necessária reintegração na sociedade, sua responsabilidade perante os ^{malos} "mals" que serão lançados sobre futuras gerações e a melhoria daquela sociedade.

O efeito direto da sociedade sobre o indivíduo é através do reforço do hábito e a manutenção do status quo massacrando a inovação e iniciativa individuais. Como Bertrand Russel (1917) observou, "Cada geração acredita que esta dificuldade é algo do

passado, mas cada geração é tolerante somente com inovações do passado. Aquelas do seu próprio tempo são recebidas com a mesma perseguição como se jamais se houvesse ouvido falar no princípio da tolerância."

Como isto é ignorado? Em parte através do mito universal de que cada um de nós é único, com um "self" único, pensamentos únicos. A terapia centrada no cliente visivelmente não tem nos ajudado a enxergar a falsidade de tal construto. Independente de evidências óbvias como a que se segue. Estudantes nos Estados Unidos, como qualquer pessoa observando seu comportamento uniforme poderia supor, suas ações são a coisa menos exclusiva deles. O que eles consideram como sendo único em si mesmos são suas atitudes privadas, valores e crenças. Cada ponto de vista individual, com sua coloração única de significado e particularidade coloca seu dono à parte de seus colegas. (Fromkin & Demming, 1967)

Jovens estudantes, homens e mulheres, foram questionados sobre temas tais como religião, moralidade, sexo, atividades sociais, economia, drogas, política e assuntos acadêmicos. O achado surpreendente: a atitude sexual liberal que cada mulher acreditava colocá-la à parte dos outros estava muito próxima à opinião sustentada por todas as outras mulheres. Do mesmo modo, as opiniões religiosas que faziam um homem sentir-se muito diferente de seus colegas eram, na realidade, muito próximas às atitudes de seus companheiros universitários. (Brandt & Fromkin, 1974)

Portanto, possuindo uma certa atitude que acreditávamos ser diferente da dos outros e que, conseqüentemente, nos fazia sentirmos únicos e não parecidos com outros, era o que cada pessoa tinha em comum. Ainda é uma reflexão assustadora, tal

qual foi para Joseph Conrad, que "todas essas pessoas não são produto do excepcional mas do geral - da normalidade do seu lugar, do seu tempo, de sua raça..." (4)

Através dessa cegueira, cada qual se comporta de maneiras que permitem à sociedade continuar a exercer sua influência opressiva sobre o indivíduo. A terapia centrada no cliente (ainda que isto não seja verdadeiro para a abordagem centrada na pessoa, mesmo sem uma teoria) não tem ajudado o indivíduo a tornar-se mais consciente de sua individualidade única e sua integridade e responsabilidade em um grupo, uma comunidade, uma tradição, um povo, um organismo planetário, um universo.

Visto que o comportamento individual coletivo cria muito do que é a sociedade, o indivíduo responsável não pode culpar constantemente a sociedade agindo de maneiras, mesmo microscopicamente, que contribuem para os males da sociedade. O indivíduo contribuirá na mudança de sua cultura para melhor ou pior através de seu comportamento. O indivíduo é moldado por um conjunto de valores e crenças e hábitos e assim por diante, que é moldado pelo comportamento coletivo de indivíduos: seguimos e somos influenciados por aquilo que estamos criando.

Situações de grupo demonstram que é do valor prático e não meramente teórico que aprendemos como desenvolver o "self" pessoal de tal maneira que resulte num todo inteligente e justo. Ambas a perspectiva individual e a perspectiva geral podem ser mantidas ao mesmo tempo. Essa sensibilidade na vida quotidiana pode iniciar-se com o "insight" de René Dubois (1981), "Pense globalmente, aja localmente." (5)

Não estou insistindo que o indivíduo deva unir-se aos

outros a fim de solucionar os problemas da sociedade, nem tampouco de "validar mutuamente um ao outro" ou "a união para o apoio e partilha." Não é necessário unir-se. Nós já estamos unidos. Nossas percepções, emoções, tensão muscular, respiração, pressão sanguínea e batidas do coração são afetados por aqueles ao nosso redor. Nós estamos tão fortemente unidos uns aos outros que um pesquisador em fisiologia prontamente declarou, "O sistema nervoso autônomo é tanto uma estrutura social quanto vegetativa." (Kamiya, 1981) Lynch (1985) conclui, a partir de pesquisas relacionando a fala e o sistema cardiovascular, que, "Ser humano significa viver através de um corpo que é biologicamente incompleto sem outros seres humanos e totalmente independente de outros para seu desenvolvimento emocional - quer dizer, humano - e seu significado." (p. 276)

O coletivo pode ser uma abstração que poderá ser defendida por indivíduos ou grupos. Ela pode ser um fato empírico em virtude das consequências de atos individuais considerados em conjunto. E à ela pode-se até atribuir uma consciência.

UMA CONSCIÊNCIA COLETIVA?

Rupert Sheldrake, um botânico e respeitado cientista, propôs a hipótese da formação causativa, a qual justifica muitos mistérios físicos e biológicos e também mudanças na consciência. A formação causativa não é em si energética, nem tampouco é reduzível à causação de conhecidos campos físicos, mas ela impõe uma ordem espacial em mudanças ocorridas por causação energética. Assemelha-se a um esquema, que apesar de não energético causa a forma específica da casa. Não é a única causa, e sem material, construtores e ferramentas a casa não poderia vir a ser.

"A hipótese da causação formativa," explica Sheldrake , "propõe que campos morfogenéticos (análogos à outros campos em física) operam um papel causal no desenvolvimento e manutenção de formas de sistemas em todos os níveis de complexidade."

Em 1920, em Harvard, William McDougall, na esperança de testar a hipótese Lamarckiana de que a aprendizagem era herdada, iniciou um experimento de aprendizagem com a raça Wistar de ratos brancos procriados sob controle de laboratório durante muitas gerações.

A tarefa experimental dos ratos era aprender a emergir de um tanque de água através de uma passagem escura. Pela tentativa de emergir através da passagem alternativa, a qual era fortemente iluminada, recebiam um choque elétrico. As duas passagens eram iluminadas alternadamente, a clara dando o choque. A aprendizagem era indicada pelo número de erros feitos antes que o rato aprendesse a sair através da passagem não iluminada. McDougall notou que 330 imersões poderiam ser necessárias antes que um rato aprendesse a evitar o caminho iluminado. Eventualmente, chegava-se a um ponto no treinamento do rato em que ele decididamente escolhia a rota escura; depois ele raramente escolhia erradamente.

O experimento foi conduzido em 32 gerações de ratos brancos ao longo de 15 anos. De acordo com a teoria Lamarckiana, havia uma tendência das gerações sucessivas a aprenderem mais rapidamente. Nas primeiras 8 gerações, por exemplo, o número médio de erros foi de 56; para o segundo, 41; o terceiro, 29; o quarto, 20.

Quando o experimento foi repetido por W. E. Agar e colegas em Melbourne, que testaram 50 gerações de ratos ao longo de

um período de 20 anos até 1954, os resultados de McDougall foram confirmados. Os ratos treinados mostraram uma tendência marcante a aprenderem mais rapidamente em gerações subsequentes. No entanto, os ratos não treinados também mostravam exatamente a mesma tendência. Assim sendo, a hipótese Lamarckiana foi finalmente rejeitada.

Este desenvolvimento ainda inexplicado oferece apoio para a hipótese de causação formativa a qual prediz que a tarefa (a forma) aprendida por uma população de ratos em um local poderia também surgir em outra população separada da primeira por centenas de milhas.

Se esta hipótese se aplica às pessoas, Sheldrake sugere que deveria ser mais fácil aprender a andar de bicicleta hoje do que, digamos, há cem anos atrás. Ele conduziu um experimento para testar a hipótese usando a televisão para transmitir figuras que continham imagens escondidas - o tipo dos experimentos gestálticos: uma vez que se enxerga a imagem, ela é muito claramente distinguida.

Duas figuras foram mostradas a pessoas em diferentes partes do mundo sob condições padrões. O número de pessoas que percebeu a imagem escondida dentro de um minuto foi registrado. Uma das figuras foi então transmitida pela TV para dois milhões de telespectadores, os quais foram pedidos para procurarem a imagem escondida. Depois que eles tiveram tempo para ponderar, a imagem foi mostrada para eles. De acordo com a hipótese a mudança que se deu na mente daquelas pessoas afetaria todas as pessoas.

Após a transmissão da TV, pessoas em diferentes partes do mundo foram testadas com ambas as figuras, nem as pessoas

que viam as figuras nem as que as mostravam sabiam quais tinham sido mostradas na TV. Não houve mudança significativa no percentual daqueles que podiam rapidamente ver a imagem escondida na figura que havia sido vista na TV; mas houve um aumento estatisticamente significativo naqueles que reconheceram a imagem na figura que havia sido previamente transmitida pela TV.

A ideia de ressonância levanta a possibilidade, por exemplo, de que a memória pode não estar armazenada no cérebro de cada indivíduo. Recordar é um processo de sintonizar com um campo morfogenético de um organismo semelhante anterior - uma memória coletiva, ou talvez, como Jung denominou, um inconsciente coletivo. Deste modo, toda experiência individual de aprendizagem pode levar à um agrupamento de consciência e se tornar em aprendizagem da espécie - o particular se torna no geral que se torna em particular.

No grupo de duas pessoas (terapia centrada no cliente) questões a respeito da perspectiva exclusiva de um dos indivíduos no processo podem ser ignoradas. A outra pessoa presente (o terapeuta), através de disciplina e de um contexto cuidadosamente controlado, pode manter a atenção no indivíduo (o cliente) e seus problemas podem ser resolvidos como se ela fosse separada da sociedade. Em pequenos grupos e em grandes grupos a ilusão não pode ser mantida, caso desejamos alcançar um entendimento compreensível do fenômeno.

EXISTEM QUALIDADES ESSENCIAIS QUE O GRUPO DE DUAS PESSOAS (CCT), O PEQUENO GRUPO E O GRANDE GRUPO TÊM EM COMUM?

Pode ser possível incluir qualidades associadas com a facilitação, tais como a compreensão empática, a congruência, a aceitação, em um contexto mais amplo de um grupo de duas pes

soas, em um pequeno grupo e um grande e assim alcançar a teo-
ria da abordagem centrada na pessoa. No entanto, para que o-
corra a mudança na perspectiva para além do terapeuta, facili-
tador, organizador e para além do cliente, membro do grupo,
participante do grande grupo na relação entre eles, a situa-
ção, a cultura (quer dizer, o fenômeno da terapia ou aprendi-
zagem efetiva), muitos preconceitos terão que ser abandonados.

No desenvolvimento da abordagem centrada na pessoa mui-
tas opiniões ardorosas são evidentes. Após unirem-se à Rogers
em vários pontos ao longo do caminho de seu trabalho, indivi-
duos por vezes mantinham a perspectiva obtida daquela parte e
tendiam a subestimar em outras aplicações emergentes. Por e-
xemplo, alguém cuja vida foi profundamente influenciada pelo
estilo afetivo e pessoal de Rogers conduzir a terapia indivi-
dual em 1950, talvez não pudesse suportar a natureza confron-
tativa dos grupos de encontro de Rogers em 1960. Até sua espo-
sa, Helen, temia que ele ^{estivesse} estava arruinando sua carreira entran-
do para o trabalho de grupos de encontro. Alguém profundamen-
te influenciado pelo também "apoio amoroso" do pequeno grupo,
por exemplo, talvez não tenha sido capaz de compreender a di-
versidade de aprendizagem produzida em grandes grupos de work-
shops em 1970. Alguém sensibilizado pela também "revolucioná-
ria experiência de aprendizagem" em um grande grupo talvez
não pudesse aceitar a atração de Rogers, em 1980, pelos "gru-
pos de impacto" nos países socialistas de dominação Soviética.
Aqueles atraídos, por exemplo, pela mensagem afetiva, pesso-
al e concreta de Tornar-se Pessoa, e buscavam mais do mesmo
material, naturalmente poderiam estar desapontados com o idea-
lismo social do último livro de Rogers, Sobre o Poder Pessoal.

e por estar "traindo sua própria missão." Era comum que após alguns dias em grandes grupos de "workshops" com educadores e psicólogos que um participante acusasse Rogers de "não ser mais centrado no cliente." Uma mulher, por exemplo, declara que enxerga a abordagem centrada na pessoa "como sendo específica às técnicas desenvolvidas por Rogers e outros para os grandes "workshops" internacionais." Considerando participar de uma conferência vindoura proposta por Rogers, ela pergunta: "Você quer dizer que o encontro é exclusivamente para aqueles interessados na Perspectiva Centrada na Pessoa? ... Eu não gosto desta abordagem. Penso que ela se afastou muito da cuidadosa escuta empática a qual eu vejo como básica para a abordagem centrada no cliente, e não gostaria de participar de um "workshop" que fosse a esse respeito." (Rogers, 1987)

Rogers sempre insistiu, porém, que o que ele estava fazendo era a mesma coisa: na terapia individual, no pequeno grupo de encontro em grande grupo de "workshops". Para ele, a terapia centrada no cliente era parte da abordagem centrada na pessoa. Em resposta a esta senhora ele escreveu: "Falar de uma 'abordagem centrada no cliente' e uma 'abordagem centrada na pessoa' como se elas fossem entidades que se oponham é, na minha estimativa, um caminho certo para brigas fúteis e caos. ... Eu espero que me permitam ser uma pessoa inteira, se minha ajuda for procurada para um relacionamento julgado como centrado no cliente ou naquele rotulado como centrado na pessoa. Trabalho da mesma maneira em ambos." (Rogers, 1987, p. 13)

PARA UMA TEORIA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Era evidente a mesma compreensão empática quando aquela

pobre menina soluçava na entrevista para a terapia individual assim como quando aquele sujeito apontava seu dedo para ele, culpando-o de trair "a revolução" no pequeno grupo ou quando aquele egocêntrico professor Húngaro discursava monotonamente sobre Sartre e as filosofias libertárias no grande grupo de encontro? É difícil acreditar. Não duvido, no entanto, que ele estava trabalhando da mesma maneira.

Como um terapeuta praticante da terapia centrada no cliente, ele estava aplicando a abordagem centrada na pessoa à terapia individual. Tal qual um professor usando métodos direcionados ao estudante, ele estava aplicando a abordagem centrada na pessoa à educação. Como um facilitador de um grupo de encontro, aplicava a abordagem centrada na pessoa ao trabalho de grupo. Como um organizador de "workshops", ele aplicava a abordagem centrada na pessoa aos grandes grupos a fim de melhorar as comunicações de trocas culturais e a resolver tensões internacionais. Apesar das diferentes formas e dos diferentes requisitos de cada uma, Rogers praticou cada qual com o mesmo desejo de ouvir e compreender, a mesma intensidade em improvisar seus conhecimentos e habilidades à situação, as mesmas atitudes, o mesmo bom humor, a mesma humildade, a mesma autenticidade e aceitação não julgada do indivíduo ou do grupo, a mesma curiosidade e abertura para aprender, a mesma crença de que ele podia ajudar e que aquilo era o que havia de mais importante no mundo a ser feito naquele momento, a mesma vontade ferrenha de alcançar esta meta. Não poderiam estes ser incluídos em qualquer formulação da abordagem centrada na pessoa?

Para assim fazer, é necessário superarmos esta fascina-

nunca alcançou isto, apesar de ter tentado. Na prática da terapia, o cliente é a figura central. Na teoria e pesquisa da terapia centrada no cliente, no entanto, a ênfase tem sido no terapeuta e o que ele faz. Mesmo em grandes grupos de "workshops", onde a influência do organizador obviamente não é maior (e às vezes, menor) do que dos outros participantes, é no terapeuta que os conceitualistas se concentram. Rogers mesmo tem sido por vezes ambivalente. Defendia o cliente como sendo digno de respeito e interesse. No entanto ele tinha muito pouco interesse em exatamente como o cliente contribuía para uma terapia bem sucedida e concentrava-se em promover o terapeuta e as "condições facilitativas oferecidas" ao cliente. Ele várias vezes surpreendia-se em como os participantes do grupo e não os organizadores muitas vezes transformavam uma situação caótica em algo construtivo em "workshops" de grandes grupos ou grupos de encontro. Relatando isto para um companheiro em um avião após um "workshop" onde prevalecia a "sabedoria do grupo", seu companheiro disse, "Você está me dizendo que isto não ocorreria caso você não estivesse lá?" Desconcertado por esta afirmação em relação à sua presença e em prejuízo para explicar como ela relacionava-se à "sabedoria do grupo," decidiu-se pelo "modo de ser" do facilitador como sendo o ingrediente que facilitava o grupo. Portanto, ele sempre voltava à noção de que o terapeuta "facilitava" o processo grupal. Um ponto de vista sobre o fenômeno da terapia efetiva ou do grupo bem sucedido e não rigorosamente o ponto de vista do facilitador individual ou do participante individual poderá levar a hipóteses mais consistentes. Obviamente que em grupos o facilitador faz sua parte e o participante a dele. Porque não

também na terapia de um para um? Polindo alguns dos aspectos das "habilidades do facilitador" e não atentando para a sua relação com o sucesso, torna-se como o aperfeiçoamento dos gestos supersticiosos de um jogador de beisebol ao utilizar o bastão ao invés de estimulá-lo a melhorar sua habilidade em bater na bola mais efetivamente. Isto não é para sugerir que o terapeuta ou o facilitador do grupo ou o organizador do "workshop" não são fatores importantes. Pelo contrário, é para sugerir que é necessário conhecer mais sobre ele ou ela e mais sobre ele ou ela dentro do contexto do fenômeno da terapia ou aprendizagem efetivas.

A função do método também deve ser encarada. Psicoterapeutas utilizando diferentes métodos podem igualmente usufruir de sucesso. (Fiedler, 1950). Tem sido demonstrado que alguns professores universitários, sem treinamento mas com alguns conhecimentos em psicoterapia, podem ser tão eficazes quanto psicoterapeutas experientes e bem treinados. (Gomes-Scwartz, 1978) O método por si só não garante o sucesso em psicoterapia.

Tinham os professores universitários e os outros terapeutas bem sucedidos algo em comum? Rogers levantou a hipótese de que sua compreensão empática, autenticidade e aceitação não julgada são os fatores responsáveis em seu sucesso. Embora há muita evidência apoiando a hipótese de Rogers há também evidência de outros fatores que podem influenciar o processo de psicoterapia efetiva. A pesquisa de Comb (1986), por exemplo, sugere uma associação entre a consistência do sistema de crença do terapeuta e o seu êxito em facilitar a eficácia da terapia. Uma das mais surpreendentes anedotas re